

O PAPEL DO PROFESSOR NO TRABALHO COM OS ASPECTOS DA SEXUALIDADE E HOMOAFETIVIDADE NO ESPAÇO EDUCACIONAL

José Carlos Costa Xavier¹
Maria Amélia da Silva Costa²

RESUMO

O ambiente educacional exige cada vez mais preparo por parte dos professores para abordar a temática da educação sexual, no campo da sexualidade, diversidade e identidade como condição humana, visto que no atual contexto de conquista do sujeito são inúmeros os desafios para experimentar a subjetividade do ser. O objetivo deste estudo foi refletir acerca do papel do professor no trabalho com os aspectos da sexualidade e da homoafetividade no ambiente escolar. Trata-se de um estudo de caráter qualitativo, exploratório e descritivo do tipo bibliográfico que buscou embasamento teórico em autores como Foucault (1984), Louro (1999), Tardif (2006), Junqueira (2008) e Xavier (2020). O estudo apontou que a sexualidade concretiza a própria condição humana, por isso todo ser humano tem o direito de viver sua sexualidade, que engloba a diversidade sexual, por meio de sua identidade, na busca de sentido dos seus desejos latentes em meio a uma construção social, moral, ética e cultural. Essa condição sexual adotada no campo da individualidade, não admite restrições. A sociedade que se propaga livre de preconceitos, é a mesma defensora da igualdade, é a mesma que mantém uma posição discriminatória nas questões da sexualidade. Neste contexto, os docentes têm o papel fundamental de assumir o processo discursivo na formação de cidadãos mais reflexivos e problematizadores, ao mesmo tempo, mais compreensivos e desprovidos de preconceito, pois no ambiente escolar a condição sexual do indivíduo deve ser pautada no respeito ao diferente

Palavras-chave: Educação Sexual. Sexualidade, Identidade, Escola, Professor.

INTRODUÇÃO

Falar de educação sexual nos remete automaticamente ao contexto escolar, em meio a um processo de perspectivas educacionais e pedagógicas, com uma visão social no que tange a discussão das relações de poder, que são legitimadas pelas representações sociais, culturais de cada grupo ou indivíduo.

¹Mestre em Ensino, Especialista em Língua Inglesa, Licenciado em Letras, Bacharel em Psicologia, Professor de Inglês.

E-mail: zecamassa@hotmail.com

²Mestre em Ensino, Pedagoga, Bacharel em Comunicação Social e Professora no IFPE.

E-mail: amelhinha4@hotmail.com

O objetivo deste estudo é refletir acerca do papel do professor no trabalho com os aspectos da sexualidade e da homoafetividade no ambiente escolar. Discutir educação sexual na escola, não é incentivar o ato sexual, ou doutrinar desejos que muitas vezes já são latentes, é abrir espaço para falar de algo inerente a vida humana, com base no conhecimento adquirido na família, mas nem sempre socializado ou experienciado de forma correta.

A discussão acerca da sexualidade dentro do processo de educação envolve um estudo complexo da concepção humana e necessita de espaços para reflexões emancipatórias que corroborem com uma discussão proativa acerca dos fenômenos afetivos apresentados por meio da educação sexual. Todo esse processo perpassa das questões informativas para uma problemática da sexualidade que engloba gênero, identidade, sexualidade, subjetividade e outros contextos que são configurados com base na visão histórica, nas experiências de vida, nas resistências políticas e sociais e sobretudo, nos desejos latentes que predominam na existência humana.

Embora o sexo e a sexualidade sejam temas de discussão recorrentes na contemporaneidade, ambos ainda são tratados como tabu, associados a preconceito e discriminação. Pautada neste princípio, os educadores como agentes de formação, construção e interação social no espaço educacional, necessitam de preparação para concatenar ideias por meio de diálogos que possibilitem descobertas acerca do tema, de modo que os tabus sejam quebrados, mesmo quando o preconceito é velado. Para tanto se faz necessário a preparação dos professores por meio de projetos, formações e estudos que dialoguem com a temática da sexualidade como experiência e projeto de vida.

METODOLOGIA

A pesquisa é do tipo qualitativa/exploratória/ descritiva, feita através de uma revisão bibliográfica analisando as publicações sobre a educação sexualidade e a diversidade sexual no contexto educacional, frente ao comportamento do professor, bem como seus enfrentamentos e perspectivas, a mesma tem embasamento em artigos científicos.

A pesquisa apresenta caráter exploratório porque investiga uma situação problema. Portanto, a pesquisa exploratória assume, em geral, as formas de pesquisa bibliográfica como relata Kauark (et al., 2020). Traços da pesquisa também apresentam um caráter descritivo, por descrever as experiências de maneira imparcial, baseando-se em um assunto já estudado, mas buscando um aprofundamento de um referido tema por meio de registros de novos fatos e fenômenos que norteiam determinada temática.

A revisão bibliográfica foi realizada no período de agosto a outubro de 2022. Durante a revisão de literatura, foi realizada uma busca através da base de dados no Portal de Periódicos da CAPES/MEC SCIELO que foram as bases de dados eletrônicas que serviu de arcabouço teórico para a pesquisa.

Quanto aos critérios de seleção, tivemos: a) artigos publicados em língua portuguesa; b) estar no formato de artigo científico; c) estar disponível gratuitamente e na íntegra nas bases de dados eletrônicas que foram selecionadas. d) estar concatenado com a temática trabalhada.

EDUCAÇÃO SEXUAL NO ESPAÇO EDUCACIONAL

Pensar a respeito da própria sexualidade é algo que não costumamos fazer de forma cotidiana, todavia, somos alertados acerca de tal temática quando nos deparamos com situações de bullying, machismo, preconceito, discriminação e crimes de homofobia, nestes casos somos levados a pensar, repensar e questionar situações que ferem a identidade do ser em sua complexa subjetividade de pensamentos e atitudes. A escola não pode ser em hipótese um ciclo reprodutor das falas pejorativas, das atitudes discriminatórias e criminosas, de uma sociedade que julga e condena o diferente, de acordo com o falso moralismo de uma sociedade conservadora e exclusiva.

Para Gava e Villela (2016, p.161), na prática pressupõem que a responsabilidade pela condução do desenvolvimento da temática em sala de aula é quase exclusivamente do trabalho destes profissionais” e muitas vezes não se oferece os instrumentos necessários, como formação teórica e mesmo suporte para lidar com suas próprias angústias ao discutir sobre sexualidade.

Em linhas gerais a escola tem como grande missão socializar e reestruturar as ideias advindas do contexto social, não descartando os aspectos histórico-culturais, as questões sociais e as experiências emocionais que estão interligadas no processo de formação de cada indivíduo. A partir de significativas mudanças sociais, políticas e governamentais relacionadas à sexualidade, a escola vem sendo intimada a se alinhar aos preceitos dos direitos humanos inclusivos à diversidade (MARCON; PRUDÊNCIO; GESSER, 2016).

Todos esses aspectos bem interpelados são contribuintes de uma educação inclusiva, que combate o preconceito, que abre espaço para novos entendimentos e que acima de tudo gera um campo de acolhimento daquilo que se apresenta como diferente, fortalecendo, dessa forma o combate a discriminação. Para corroborar com uma ideia de pensamento antidiscriminatório Marsiglia (2009, p.50), afirma que numa sala de aula são múltiplas as diferenças entre os alunos, por isso é importante considerá-los como não iguais, nesse sentido, de direito, isso quer dizer que têm igual direito a ser diferente.

Os currículos, a escola e as disciplinas podem produzir desigualdades de gênero, sexo e raça, etc., incentivando, por conseguinte, o preconceito, a discriminação e o sexismo. Para tanto, Louro, (1999, p. 80/81), já alerta que é indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria produz.

No Estatuto da Diversidade Sexual, Dias (2011, p.12), fala do direito à educação e diversidade sexual nas escolas priorizando os seguintes descritores:

DESCRITORES DO DIREITO À EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE SEXUAL NAS ESCOLAS	
I	É proibido o uso de materiais didáticos e metodologias que reforcem a homofobia, o preconceito e a discriminação;
II	Os estabelecimentos de ensino devem coibir, no ambiente escolar, a prática de bullying por orientação sexual ou identidade de gênero do aluno ou pelo fato de pertencer a uma família homoafetiva;
III	As atividades escolares referentes a datas comemorativas precisam atentar à multiplicidade de formações familiares, de modo a evitar qualquer constrangimento aos alunos filhos de famílias homoafetivas;
IV	Os professores devem ser capacitados para uma educação inclusiva, com o objetivo de elevar a escolaridade em face da identidade sexual dos alunos ou de seus pais, com o fim de reduzir a evasão escolar.

Fonte: elaborado pelos autores baseado em Dias (2011).



A temática da sexualidade abre um diálogo sobre relações, sobre individualidade, sobre identidade e subjetividade do ser, porque contempla o diferente, o diverso, onde a escola deve ser o lugar de fala, de escuta, de compreensão e acolhimento, fazendo um papel que na maioria das vezes, não é feito pela família. Falar de sexualidade não é mais papel fundamental da biologia, o currículo é amplo, transversal e interdisciplinar. Sexualidade é vida, é autoconhecimento, engloba uma formação humana generalizada condicionando o indivíduo a um ser biopsicosocioespíritual, que é construído a partir da biologia, porém, suas vivências estão interligadas de maneira psíquica, social e espiritual.

GÊNERO E SEXUALIDADE/DIVERSIDADE NA ESCOLA

Muito mais do que a dificuldade de discutir sexualidade nas escolas, é falar de identidade, de como o sujeito se vê mediante suas questões sexuais, e nesse contexto, a escola tem muito mais obrigatoriedade de chamar para si a responsabilidade de muitas vezes assumir uma demanda da família, que por conta dos seus desajustes e carências não possibilita discussão e conhecimento coerente das questões acerca da sexualidade. No que se refere à homossexualidade, sabe-se que a escola, embora tenha resistência em discuti-la de forma aberta e atualizada, tem um papel bastante crucial nesse contexto, pois “fabrica sujeitos, seus corpos e suas identidades” (JUNQUEIRA, 2009, p. 13; BRITZMAN, 1996, p. 3).

Segundo Vassalo, (2010), a educação sexual é entender os próprios sentimentos, para não deixar que eles mandem em nossas razões, e entender as nossas próprias razões, para não deixar que elas mandem nos nossos sentimentos.

A escola não pode se tornar um espaço de reprodução de preconceitos velados, minimizando ou silenciando a complexidade do ser em sua total diversidade. No processo de subjetividade uma das coisas que mais identificam o sujeito é a sua sexualidade, em sua amplitude, não me refiro exclusivamente a gênero, porque a sexualidade está ligada aos desejos latentes, sua forma de sentir prazer. Foucault (1985) disserta que a sexualidade é um “dispositivo histórico”, ou seja, é formada por uma rede de discursos, leis, morais, instituições que a definem, a depender do tempo-espaço em que se encontra. Logo, são esses dispositivos, ancorados por jogos de poder, que delimitam o que pode ou não ser considerado desejo, prazer, etc.

As relações de gênero e a sexualidade são indissociáveis, pois, do ponto de vista histórico/cultural as duas caminham juntas, como categorias que ampliam o conceito da sexualidade. Sobre essa fala Heilborn e Brandão (1999), afirmam que gênero e sexualidade mantêm uma relação íntima, pois a trajetória dos estudos sobre sexualidade teve um expressivo aumento desde as discussões sobre gênero. E seu desenvolvimento está ligado aos movimentos sociais feministas e de liberação homossexual.

Nesse contexto, surge a identidade de gênero, que vai além do que a pessoa é, no sentido de demonstrar o que a pessoa sente ser, com qual gênero ela se define, se percebe, como ela se ver no mundo, é o que se define como construção psicológica e subjetiva. Todas essas transformações não são fáceis de serem compreendidas, como nos relata Quirino (2014, p. 25), ao afirmar que em nossa sociedade, ainda, há o predomínio e atitudes de convenções sociais discriminatórias que se tornaram naturalizadas, como a discriminação de gênero e orientação sexual que são produzidas e reproduzidas em espaços como a escola. Contrariando essa linha de pensamento que configura preconceito e discriminação, Freire, Santos e Haddad (2009, p. 25), defendem que a escola, não deve ser instrumento de reprodução de preconceitos, mas espaço de promoção e valorização das diversidades, marca característica da sociedade brasileira.

A sexualidade não é algo que sintetiza a potencialidade reprodutiva, ela está ligada diretamente as questões do prazer, mesmo que estes não sejam meramente sexuais. Ela é a manifestação subjetiva do indivíduo desde o nascimento, ao longo das experiências vividas, sendo construída por meio dos valores éticos e estéticos, e objetivando o que podemos denominar de realização pessoal do ser. De acordo com Houaiss (2001, p.2564), sexualidade é definida como “qualidade do que é sexual”, conjunto de caracteres especiais, externos ou internos determinados pelo sexo do indivíduo. Cientificamente falando e com base no Dicionário de Psicanálise, Chauí (1984, p.14), afirma que a sexualidade não se confunde com o instinto sexual (comportamento fixo e pré-formado), enquanto sexualidade, esta, se caracteriza pela invenção e relação com a história pessoal de cada um. Quanto ao sexo, também não pode ser entendido como uma fundação biológica sobre a qual se agregariam aspectos culturais. A noção de sexo como dada e como o fundamento da identidade é, ela mesma, efeito de um regime discursivo da sexualidade (Soares & Meyer, 2003, p.137).

A sexualidade é sem dúvida um processo de relações, que configuram interesses, vontades, realizações. Seguindo esse pensamento Foucault (1984, p. 98), afirma que a

sexualidade não é um ímpeto rebelde, estranha por natureza e indócil por necessidade, ela aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder; entre educadores/alunos, padres/leigos, administração e população.

O que podemos avaliar neste sentido é que repressão/poder funcionam juntos e sem contestação. Isso nos leva a refletir que tudo que foi falado sobre sexualidade trata-se do regime de poder-saber-prazer que serve de eixo norteador na discussão sobre sexualidade humana. Porém, ainda estamos vinculados a falar de sexualidade em meio a um contexto heteronormativo que condiciona a heterossexualidade como processo natural da condição sexual humana, e esses fatores são construídos na sociedade como algo indissolúvel que identifica e define as questões acerca da sexualidade. Sobre isso, Guacira Louro (1999, p. 17) observa que [...] a heterossexualidade é concebida como “natural” e também como universal e normal [...] conseqüentemente, as outras formas de sexualidade são constituídas como antinaturais, peculiares e anormais. Falar de normatividade sexual é abrir espaço para posicionamentos e questionamentos a respeito da real “normalidade” do ser, por meio de uma concepção dialógica que define o indivíduo não apenas por sua orientação sexual, mas, pela junção de valores éticos e morais que este indivíduo pode construir ao longo de sua história.

A escola como instituição social tem o papel de informar e (trans)formar na busca de despertar nas pessoas uma consciência histórica, política e social para um processo de desenvolvimento que estimule e construa ideais sem separatismo, sem exclusão e acima de tudo, construindo acolhimento por meio da compreensão.

Essa percepção se dar pelo fato das abordagens a respeito das questões da sexualidade nas escolas serem feitas de forma indireta, sem aulas específicas que abordem a temática, sem uma construção associada ao projeto político pedagógico, deixando muitas vezes a desejar, inseridas apenas em falas propagas em palestras, reproduzidas em datas alusivas e pontuais.

Fica a cargo das aulas de ciências e biologia dissertar sobre a temática da sexualidade, seguindo apenas um cronograma do livro didático. Os fatores mais relevantes que estão condicionados a dificuldade de abordar a temática da sexualidade segundo Stromquist (2007), são: grande número de professores com pouca habilidade no campo de gênero, heterogeneidade das turmas, curta duração das aulas e do ano letivo e inexistência de livros didáticos com foco nas questões de gênero. No geral os

temas abordados são: os aspectos da anatomia e fisiologia da reprodução, prevenção de gravidez e das infecções sexualmente transmissíveis.

No geral os educandos ficam à mercê de informações e de conhecimentos que podem mudar suas posturas diante do seu processo de autoconhecimento e de interação social com o outro, e suas fontes de informação sobre sexo, sexualidade e identidade de gênero acaba sendo a conversa com os amigos, as pesquisas em sites que relatam a temática, a prática sexual sem nenhuma informação ou preparo, as palestras mecânicas.

PERCEPÇÃO DOS DOCENTES ACERCA DA SEXUALIDADE NO ESPAÇO EDUCACIONAL

Para nortear as percepções docentes acerca da temática da sexualidade dentro da educação sexual entendemos que a práxis pedagógica ainda é modulada de forma influenciada ou influenciadora, com base na visão que cada um tem a respeito da diversidade sexual, por meio de suas crenças, culturas, cédulos religiosos, construção familiar e outros aspectos sociais, de fato, falar de sexualidade em suas múltiplas dimensões é um desafio para os educadores, principalmente no contexto atual que se encontra o processo educativo no Brasil. Xavier (2020, p.97/99) fala dessa dinâmica como experiência do ser e afirma que...

(...) falar de percepção é configurar as várias visões de um mesmo tema que não se explica por meio de um conceito definido. Entender algo, é concatenar ideias subjacentes e estabelecer um posicionamento fundamentado em situações experienciadas de maneira peculiar...falar de sexualidade e seus desdobramentos é também buscar o entendimento das diferenças do que representa o sexo e o estudo da educação sexual dentro das perspectivas da diversidade sexual.

E o professor tem a responsabilidade de ser agente transformador nesse processo. O professor necessita entender o verdadeiro papel da escola quando se refere ao estudo da diversidade sexual. É exatamente essa diversidade, essa multiplicidade do ser, que exige do professor a primícia de criar paradoxos entre o pensar, o agir, o saber e o fazer do educando, para que este torne-se agente ativo do processo.

São exatamente essas rupturas e continuidades que faz de cada ser humano construtor único de sua história, de suas vivências, baseado em seus desafios, seus medos, suas crenças e experiências, construção essa que é também é determinada pelas

questões da sexualidade e suas vertentes, de como este indivíduo é compreendido em suas diferenças, em seus desejos, e como ele se projeta em seu lugar de fala. E a escola é o espaço ideal e necessário para essa construção, muito embora essa instituição ainda esteja presa em determinados aspectos e valores que configuram rótulos sociais de preconceito e discriminação.

E é por meio dessa conjuntura que o professor é agente ativo, na formação continuada, nas mudanças de postura e atitudes, com o intuito de despir-se de rótulos, de discursos pejorativos. É esse profissional, que por meio de um trabalho interdisciplinar envolvendo toda comunidade escolar pode fazer um diferencial na vida dos alunos. Para Junqueira (2009, p. 27) os professores, como adultos de referência, podem contribuir, consciente ou inconscientemente, com a legitimação da homofobia. Logo, cabe compreender como se dá a atuação desses no que tange à sexualidade, estímulos, discussões e discriminação homofóbica.

O trabalho do docente deve ser feito de forma transversal, sem silenciamento, abrindo espaço para que o educando seja protagonista de sua história, de sua singularidade, compartilhando informações, agregando valores e debatendo suas experiências de vida.

CONSIDERAÇÕES (in)CONCLUSIVAS

O trabalho de natureza conceitual deste estudo mostra o quanto falar de sexualidade no contexto da educação é complexo e inacabado, porque demanda diversidade de conteúdo, liberdade de postura e uma práxis pedagógica que favoreça uma experiência docente mais efetiva nos desdobramentos dos conteúdos sobre sexualidade. É importante pensar a sexualidade além das condições biológicas, expondo de forma mais ampla a discussão das relações e concepções de identidade de gênero. Para tanto se faz necessário, experiências no processo de formação acadêmica, nas vivências de pautas e projetos que desenvolva a temática da sexualidade e suas vertentes.

Entendemos que o campo do saber necessita ampliar a transversalidade das ações, considerando as dimensões históricas, religiosas, psíquicas, sociais e intelectuais do indivíduo.

Diante do exposto é que termos um trabalho docente concatenado com ideias inclusivas e emancipadoras, levando o educando a pensar, sentir e agir em meio ao seu



lugar de fala, de acordo com sua subjetividade, como protagonista de sua história e detentor de seus direitos e deveres.

É de fundamental importância discutir os aspectos da sexualidade no espaço escolar, se desprender dos preceitos religiosos conservadores, soltar as amarras do preconceito, já que historicamente a escola, por meio de seus membros, tem reproduzido os interesses do Estado e da sociedade como um todo, e a prática educacional por meio do professor precisa construir uma realidade social, política e cidadã que contemple as questões da sexualidade e da diversidade. O professor é parte essencial neste processo, é ele que fomenta ideias e abre espaço para que a escola seja um lugar de fala, de reconhecimento da subjetividade do outro e do acolhimento no processo de interação social, educacional e emocional.

A temática da sexualidade dentro das escolas mesmo encontrando desafios e dificuldades para ser inserida de forma contextualizada e contínua, não é mais algo distante, ela é fato, e está presente mesmo que de maneira informal envolvendo toda comunidade escolar, por isso precisa deixar de ser tratada como tabu e resistência pelos profissionais da educação. Falar de sexualidade, de questões de gênero com discursos preventivos e fundamentalistas levam a escola a adotar um posicionamento de atitudes que já estão arraigadas.

O trabalho em questão é uma discussão de caráter inconclusivo porque fala de uma temática que vive em constante processo de mudança, já que se trata da sexualidade e suas mudanças, mediante desejos e experiências, sendo assim, sugerimos que o espaço educacional seja contemplado com a produção de oficinas voltados para a educação sexual, acarretando espaços de fala, escuta e reflexão, a execução de palestras e debates com foco no reconhecimento da diversidade sexual e seu processo de acolhimento e a inserção de conteúdos com a temática da diversidade sexual para que seja desenvolvido um trabalho multidisciplinar.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Oldimar. P.. **Representações dos professores sobre saber histórico escolar**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 130, p. 209-226, jan./abr. 2007.



- CARRARA, S. et al. (Org). **Gênero e diversidade na escola**: formação de professores em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.2v.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida**. 7.ed. São Paulo: Brasiliense; 1984.
- COUTINHO, Clara P. **Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas**: teoria e prática. Lisboa: Almedina, 2013.
- DIAS, Maria Berenice. **Estatuto da Diversidade Sexual** – uma lei por iniciativa popular, 2011.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. (13.ed.). Rio de Janeiro: Graal. 1884.
- FREIRE, N.; SANTOS, E.; HADDAD, F. Construindo uma política de educação em gênero e diversidade. In: CARRARA, S. et al. (Org). **Gênero e diversidade na escola**: formação e professores em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais. Rio de Janeiro. CEPESC; Brasília: SPM, 2009.
- GAVA, Thais; VILLELA, Wilza Vieira. **Educação em Sexualidade**: desafios políticos e práticos para a escola. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n.24, p.157-171, 2016.
- HEILBORN, Maria Luiza; BRANDÃO, Eliane Reis. **Introdução**: Ciências Sociais e sexualidade. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org). **Sexualidade**: O olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JUNQUEIRA, Ricardo Diniz. **Homofobia nas escolas**: um problema de todos. 2009 pp. 13-52.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Por uma pedagogia da diversidade de corpos, gêneros e sexualidades**. IN: SILVA, Fabiane Ferreira de et.al. **Sexualidade e escola**: compartilhando saberes e experiências. 2. Ed. Rio Grande do Sul: FURG, 2008. P. 8-14.
- KAUARK, F. et al. **Metodologia de pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2020.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. (Org.) et.al. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, p. 9-34, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. **Sexualidade, gênero e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 1999.



MARCON, Amanda Nogara; PRUDENCIO, Luísa Evangelista Vieira; GESSER, Marivete. **Políticas públicas relacionadas à diversidade sexual na escola.** Psicologia Escolar e Educacional, v.20, n.2, p.291-302, 2016.

MARSIGLIA, Denys Munhoz. **Silêncio e Invisibilidade: A atitude discriminatória de professores diante da homossexualidade na escola.** UNINOVE - São Paulo: 2009.

QUIRINO, Glauberto da Silva, **Prática docente em sexualidade e educação sexual no espaço escolar.** 1ed. Curitiba:Appris, 2014

SILVA, Regina Célia Pinheiro da; MEGID NETO, Jorge. **Formação de professores e educadores para a abordagem da educação sexual na escola: O que mostram as pesquisas.** Ciências e educação, v.12,n.2,p.185-197, 2006.

SOARES. R. F. R. & MEYER, D.E.E. **O que se pode aprender com a “MTV de papel” sobre juventude e sexualidade contemporâneas?** UFRS, Faculdade de Educação, 2003.

STROMQUIST, Nelly P. **Qualidade de ensino e gênero nas políticas educacionais contemporâneas na América Latina.** Educação e Pesquisa,v.33,n.1,p.13-25,jan/abr.2007.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e formação profissional.** Trad. Francisco Pereira. 10ª ed., Petrópolis: Vozes, 2006.

VASSALO, Márcio. **A professora encantadora.** Belo Horizonte, MG: Abacate, 2010.

XAVIER. José Carlos Costa. **Múltiplos olhares acerca da homoafetividade no ambiente escolar.** São Paulo, Mentis Abertas, 2020, 120p.